



ARGENTINA

Seis meses de incerteza

Em 182 dias de governo, presidente Javier Milei consegue moderada redução da inflação, mas resiste a formar coalizão no Congresso e sofre com a falta de articulação política. Especialistas avaliam a redução de gastos públicos e citam erros da Casa Rosada

» RODRIGO CRAVEIRO

Juan Mabromata/AFP

Durante o discurso de posse, em 10 de dezembro de 2023, de costas para o Congresso, Javier Milei anunciou: “Nós avançaremos nas mudanças de que o país necessita porque temos a certeza de que abraçar as ideias de liberdade é a única forma de conseguirmos sair do buraco em que fomos colocados”. Seis meses depois da posse do primeiro presidente ultralibertário da Argentina, o cenário é de incerteza. O país amarga uma crise financeira com forte recessão e escalada da miséria.

Um relatório do Observatório da Dívida Social da Universidade Católica Argentina (ACA) mostra que a pobreza atingiu 55,5% dos 46,9 milhões de habitantes, no primeiro trimestre. A extrema pobreza chega a 17,5%. Sem maioria no Legislativo e por não conseguir aprovar medidas urgentes no Senado, Milei precisou dar um choque na articulação política: em 28 de maio, nomeou como chefe de gabinete o ex-ministro do Interior Guillermo Francos.

Segundo Miguel De Luca, professor de ciência política da Universidad de Buenos Aires (UBA), Milei obteve alguns ganhos nesses 182 dias de governo. “Houve uma redução moderada da inflação, com uma forte diminuição do gasto que, até agora, não provocou manifestações massivas, à exceção de protestos contra os cortes nas universidades”, explicou ao **Correio**. Em abril, a inflação registrou desaceleração pelo quarto mês consecutivo e fechou em 8,8%. Entre os fracassos da Casa Rosada, De Luca cita o fato de Milei não ter uma única lei aprovada pelo Congresso. “Todo o seu plano de governo está demorado. Também não houve



Membros de organizações protestam contra o governo Milei em Villa Martelli, subúrbio de Buenos Aires: conflito permanente na sociedade

novos investimentos estrangeiros ou expectativas de que a economia argentina melhora no curto prazo.” Desde 10 de dezembro, quando ascendeu ao poder, Milei enfrentou duas greves gerais contra as políticas de ajuste.

Facundo Galván, colega de Miguel De Luca na UBA, adverte que ainda é prematuro fazer uma análise mais aprofundada do governo Milei. No entanto, ele vê como um acerto o fato de a equipe do ultralibertário ter se concentrado em reduzir

os índices de inflação. “Ele também busca focar sua gestão em diminuir os gastos públicos, sobretudo na estrutura democrática do Estado. Nesse sentido, Milei tem sido muito polêmico em exonerar funcionários públicos que não cumprem com sua tarefa, o que é um grande acerto”, disse à reportagem. As demissões afetaram dezenas de milhares de servidores, mas a motosserra de Milei foi além. No setor privado, mais de 62 mil argentinos perderam seus empregos. O ajuste dos gastos

públicos lançou o país em estado de conflito permanente e impactou a indústria e a construção civil. Se a inflação caiu, a atividade industrial sofreu a maior desaceleração desde abril de 2020.

De acordo com Galván, a “ultramínoria” de Milei no Congresso não demonstra a intenção de formar uma coalizão. “Isso faz parte de uma estratégia, mas o presidente acabou por incorporar figuras, como os ministros Patricia Bullrich (Segurança) e Luis Petri (Defesa),

completamente desprovidos do apoio oficial de seus partidos. Ele decidiu que a aprovação de matérias no Legislativo ocorrerá com apoios temporários, não por meio de uma aliança governista, como fez Jair Bolsonaro, no Brasil”, acrescentou.

O estudioso vê a política universitária de Milei como um engano, com erros de cálculo em relação ao que a educação pública superior e gratuita implica para o argentino. Galván citou o escândalo do armazenamento de toneladas de alimentos em depósitos

Eu acho...

Arquivo pessoal



“Em seis meses, o presidente Milei não conseguiu nenhuma melhoria substancial nos principais problemas da Argentina. Entre as melhorias não realizadas, está a inexistência de novos investimentos estrangeiros no país. Ele também não conseguiu nenhum apoio contundente ou empréstimo ao governo nacional, nem houve algum anúncio relevante sobre apoio de empresas estrangeiras.”

Miguel De Luca, professor de ciência política da Universidad de Buenos Aires (UBA)

do Ministério do Capital Humano. No fim do mês passado, a Justiça ordenou a sua distribuição oficial às cozinhas comunitárias.

No âmbito da política externa, Javier Milei enfrenta uma tensão diplomática com a Espanha, depois de chamar a esposa do primeiro-ministro socialista Pedro Sánchez de “corrupta” e de qualificar o socialismo de “satânico” e “cancerígeno”, durante visita a Madri. As autoridades espanholas chegaram a retirar “definitivamente” a embaixadora de Buenos Aires. O presidente argentino também amargou embates com os homólogos Gustavo Petro (Colômbia), Nicolás Maduro (Venezuela), Daniel Ortega (Nicarágua) e Miguel Díaz-Canel (Cuba). A relação com o Brasil tem sido marcada pelo pragmatismo: a Casa Rosada evita criticar diretamente a gestão de Luiz Inácio Lula da Silva e prejudicar as relações bilaterais com um aliado comercial histórico.

ORIENTE MÉDIO

Forças israelenses resgatam quatro reféns com vida

Noa Argamani, 26 anos, foi surpreendida pelas pancadas na porta do cativo, em um prédio no coração do campo de refúgio de Nuseirat (centro da Faixa de Gaza). Às 10h (4h em Brasília), uma voz gritou do outro lado: “Somos das IDF (Forças de Defesa de Israel) e viemos resgatá-la”. Horas depois, a israelense cuja foto viralizou, ao ser levada para Gaza na garupa de uma motocicleta por extremistas do Hamas, soprou a vela do bolo de aniversário do pai, Yaakov, e teve um encontro reservado com a mãe, Liora, paciente terminal com tumor no cérebro.

Além de Noa, a unidade de elite da polícia contraterrorismo Yamam, agentes do Shin Bet e cerca de 100 soldados das IDF resgataram Almog Mir Jan, 22; Shlomi Ziv, 41; e Andrey Kozlov, 27. De forma simultânea, dois edifícios usados para manter os reféns foram invadidos pelas forças de Israel. Noa estava em um dos prédios, enquanto os outros três sequestrados foram encontrados em outra construção. De acordo com o Hamas, a operação militar deixou 210 mortos e centenas

de feridos. Em nota, Abu Obaida, porta-voz das Brigadas Al-Qasam, braço armado do grupo extremista, advertiu que “a operação representará um grande perigo para os prisioneiros do inimigo e terá impacto negativo sobre suas condições e vidas”.

Os reféns libertados ontem pelas IDF estavam em 7 de outubro passado no festival de música eletrônica Supernova, no kibutz de Re'im, no sul de Israel, a poucos metros da fronteira da Faixa de Gaza. O local foi o primeiro a ser atacado pelos extremistas do Hamas, que chegaram a bordo de picapes, motocicletas e parágliders. Os quatro foram levados de helicóptero para o Centro Médico Sheba de Tel Hashomer, perto de Tel Aviv, onde foram submetidos a exames médicos. O primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, visitou o hospital e posou para fotos ao lado de cada um dos resgatados e de familiares.

Durante pronunciamento em inglês, Netanyahu disse que a “extraordinária operação” exigiu “coragem do mais alto grau”. “Nossos soldados a realizaram

IDF/AFP



Noa Argamani, 26 anos, reencontra o pai, Yaakov, aniversariante do dia: foto do sequestro viralizou

de uma maneira incomparável. Estamos empenhados em conseguir a libertação de todos os reféns. Esperamos que o Hamas liberte todos eles”, declarou. “Mas, caso não o façam, faremos o que for preciso para trazê-los para casa. O Hamas está cometendo crimes de guerra todos os dias. (...) Nossos soldados atuam da forma mais valente e moral para acabar essa guerra com uma vitória contra esses

assassinos e sequestradores. Nós venceremos.” Um dos policiais que atuou no resgate, Amon Zmora, morreu após ser ferido.

Pouco depois de visitar Noa no hospital, o estudante Amit Parpara, 26, contou ao **Correio** que soube da libertação da amiga ao acordar. “Vi vários rumores e troquei mensagens com a família. Foi louco saber que ela tinha sido resgatada!”, celebrou. “Noa é uma pessoa tão amável

e afetuosa. Ela disse que pensava em nós o tempo todo, no cativo. Noa sorria e brilhava. É incrível ver como ela está agora depois de tudo o que passou.”

“Crime de guerra”

Em entrevista ao **Correio**, Bassam Naim, chefe do Departamento Político do Hamas em Gaza e membro do Comitê Político, classificou a operação de resgate

IDF/AFP



Almog Mri Jan, 22, envolto em um abraço aguardado há oito meses: fim do pesadelo

em Nuseirat de “crime de guerra”. “Isso confirma o que sempre temos dito: o plano de Netanyahu e seu governo é continuar o massacre, independentemente das consequências, incluindo as vidas dos prisioneiros. Nós oferecemos um acordo negociado politicamente, mas ele sempre responde com mais massacres”, disse, por meio do WhatsApp. “Netanyahu coloca a vida de sua gente em gravíssimo perigo.”

Professor de relações internacionais da Universidade de Bar Ilan (em Ramat Gan, Tel Aviv), Eytan Gilboa explicou à reportagem que o resgate pode aumentar a popularidade de Netanyahu e reafirmar a tese de que, ante a rejeição do Hamas em aceitar a libertação de todos os sequestrados em troca de um longo cessar-fogo, o único meio disponível é o uso da força. “Israel intensificará os esforços militares para libertar os reféns e destruir as capacidades bélica e de governo do Hamas”, afirmou. Segundo Gilboa, extremistas capturados no front forneceram dados de inteligência para o resgate. (RC)